

| Poemas

## POEMAS DE EDSON BUENO DE CARVALHO

### Zabé da Loca

és como foi minha avozinha  
lenço amarrado na cabeça  
olhos grandes de olhar comprido  
destes que devoram tudo com carinho  
e cuidado  
gente de granito e pés suaves  
mesmo para trilha de pedras  
  
mulheres com dobras e rugas  
quase uma centena de anos cansados  
rostos com sombras  
e o dedo com o osso apontado  
  
mulheres de parar o vento com o silêncio  
e mover pedras com o sussurrar  
constroem casas com barro  
cacimbas no seco  
donas da terra e da água  
e aproximam o ventre do ar  
  
senhoras que vestem o mundo  
e tecem com os panos  
e fiam o algodão das nuvens

ai que os anjos esfarrapados da caatinga  
os anjos vaqueiros e pascentadores de bodes  
os anjos moleques a tramar travessuras  
os anjos de todas as partes e os afogados  
e o louco poeta na margem da metrópole

todos param para ouvir  
um pedaço de cana soar as trombetas do céu.

\* \* \*

### **geografia**

todo dia  
um horizonte novo  
se cria em minha janela

geografia que pássaros trazem  
florestas incrustadas nas garras  
ou andaimes de guindastes gigantes  
com força titânica a empilhar viadutos

a janela que sobrou da velha sala  
a que dá para o quintal  
dos fundos  
é a janela para outro mundo  
a pores de sol coloridos

as auroras se costuraram  
em alinhavos de cores quentes  
e a medida que anoitece  
se transladam em cinzas de azuis

\* \* \*

**o horizonte**

uma linha morta  
que traça mortalha de montanhas  
que vemos  
mas ali  
não estão

\* \* \*

**velho rádio**

às vezes  
admirava-me  
quando olhavas sem sorriso  
e a noite engolia teus cabelos  
mergulhados aos poucos em uma grande tina

a água que refletia estrelas  
e a luz morta  
que atravessou o espaço  
e o lago de teus olhos imensos

desejo de chorar em escamas  
abraçadas aos cântaros

escadas para o céu  
tocavam insistentes no éter  
e no velho rádio na sala

e esta cozinha  
era uma pista imensa de deslizos  
não mais sabia  
que viver não era mais que isso  
catar fragmentos de raios cósmicos  
que perfuravam o vidro da janela  
e observar lento e persistente  
a chama de uma vela ao se consumir  
incorporando seu combustível ao ar  
até que este se extinga

meus papéis senis perdidos de seu sentido  
e livros amontoados aos cantos e estantes indeléveis  
poetas vociferando canções lúgubres  
marcha soldado sem direção  
e rebeliões que se dissolviam em terebentina e álcool

enquanto isso  
cebolas e batatas ferviam  
em borbulhantes panelas  
com seus diálogos e estouros e borbulhares

eu olhava pelos vidros  
e com um dedo infantil  
garatujava um nome na neblina  
enquanto olhos me observavam da possível floresta

nós nascíamos todos os dias como narcisos  
e voltávamos e voltávamos sempre

\* \* \*

**açucareiro**

perdidas formigas  
insistem em atacar o açucareiro  
(fortaleza inexpugnável de plástico)

e observo todos os seus fracassos  
(e secretamente comemoro)

a vida deve ser isso  
um imenso açucareiro

nós sabemos como abri-lo  
e não fazemos

---

**EDSON BUENO DE CARVALHO** (São Paulo) – Poeta. É autor dos livros: *O Mapa do Abismo e Outros Poemas* (2006), *De Lembranças & Fórmulas Mágicas* (2007), entre outras obras. Foi vencedor do *Prêmio Off-FLIP de Literatura* (2006), *IV Concurso Literário de Suzano* (2008), entre outros. Participa do grupo poético/ literário *Taba de Corumbê* da cidade de Mauá –SP. Edita o blog: <http://umalagartadefogo.blogspot.com/>